

AMBIGÜIDADE NOS *SERMÕES* DE VIEIRA: DAR A CÉSAR OU A DEUS?

Lélia Parreira Duarte

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Vieira apresenta-se geralmente e é visto por seus ouvintes, leitores e estudiosos como um servo de Deus, um santo pregador, um patriota inflamado e um sermonista exemplar, capaz de convencer por suas palavras iluminadas e plenas de sabedoria divina. Realmente, foi ele um orador admirável, um devotado missionário, um grande evangelizador e um defensor de oprimidos e explorados, com uma capacidade extraordinária de articular conceitos e metáforas. Além disso, Vieira foi um artista na representação: hábil em tratar com pertinência questões bíblicas e evangélicas – que visam à maior glória de Deus –, relaciona-as a questões políticas, em que se mesclam objetivos referentes aos interesses da pátria portuguesa, aos de sua ordem religiosa e aos de suas questões particulares, em que se incluem lições sobre como construir sermões com sucesso, de forma a tornar evidente o merecido aplauso devido à sua própria arte.

Juntam-se em seu discurso sedutor os objetivos do pregador religioso – salvador de almas, enaltecido das glórias de Deus – e os do articulador de estratégias que visavam a tornar realidade o sonho do Quinto Império, com que Portugal deveria atingir seu verdadeiro lugar entre as potências do tempo. Para realizar essas altas missões, deveria ser ele o melhor sermonista – o mais sábio, o mais convincente, o melhor conhecedor da Bíblia e de seus comentadores e o mais capaz de convencer e representar um modelo para seus colegas e companheiros de profissão. Além disso,

devia ser o melhor conselheiro do rei e o mais hábil conciliador de divergências. Isto significava a arte e os artifícios de um perfeito tecelão de discursos e de estratégias de convencimento, capazes de evangelizar e de converter cristãos e pagãos, portugueses e brasileiros, amigos e inimigos – partidários de suas idéias e/ou seus ferrenhos opositores.

Vieira estava bem preparado para essa missão: sua formação clássica, jesuítica, dirigida para a oratória sagrada, fez com que ele desenvolvesse a herança ciceroniana e sua preocupação com a imagem exemplar de um caráter cívico sublime. Mas fez também com que ele buscasse aprimorar constantemente os dados de sua herança religiosa, o que lhe acentuou sobremaneira a bagagem argumentativa de origem bíblica e desenvolvida em torno do livro sagrado, suas inferências e relações.

A oratória de Vieira tem parentesco, portanto, com a do retórico da civilização grega, na qual havia a mácula de uma inquietante suspeita de má intenção, na constante preocupação com a autoglorificação, pois com o cristianismo a humildade passara a virtude, tornando-se censurável a soberba dos oradores. Nessa contradição criou-se Vieira, cuja atividade sermonística assemelha-se por vezes à dos sofistas, produtos do ecletismo, do enciclopedismo e das mnemotécnicas, dada a sua preocupação em colocar-se como exemplo e em apresentar modelos de discurso. Como os sofistas, Vieira é um verdadeiro acrobata metalingüístico, sempre ocupado em comentar palavras – definições, sinônimos, antíteses. Realista e pragmático, preocupado com a idéia do *discurso como ação*, Vieira pratica muitas vezes a acomodação da verdade às necessidades do momento. Não basta que a palavra seja *alethes*: ela deve ser também *pseudes*. Não é suficiente que ela seja objetiva e clara em sua mensagem: é preciso que seja também lúdica, marcada por similaridades, contigüidades e ambigüidades, donde o gozo da audição (não se pode esquecer que o sermão seria em princípio dito para ser ouvido...).

A análise dos sermões de Vieira vai justamente demonstrar a conjugação dessas duas vertentes – autoglorificação e humildade – em torno de causas em que o cívico se mescla de forma indissolúvel ao religioso e em que se exercita uma eloquência fundamentada nos profetas bíblicos, em Cristo, em São Paulo, nos Padres da Igreja e na hagiografias. Essa bagagem alia-se aos conhecimentos que permitem a avançada percepção de estadista habilitado para exercício da função de “conselheiro do rei”, conhecedor e bom usuário dos hábitos palacianos e do ambiente de representação natural da corte. Alia-se ainda a uma impressionante capacidade de articulação desses saberes, através de forte presença, de grande capacidade de representar e de uma linguagem desenvolvida de forma a seduzir e a convencer.

Vale ressaltar que a teatralidade da representação era um artifício extremamente usado nos sermões, com a finalidade de chamar e prender a atenção, sendo ensinada e incentivada nas escolas. A retórica vieiriana sabe explorar com grande habilidade esse componente teatral, usando-o para criar na imaginação de seu auditório poderosas imagens de triunfos heróicos, festas, martírios e castigos. Lembre-se que esse caráter de espetáculo dos sermões já existia nas atividades escolares que estimulavam a formação de pregadores no século XVI, na Europa, valorizando a memória e as citações, bem como o exercício da poesia, especialmente de seu ritmo, a gesticulação, a modulação da voz, o exagero no uso de metáforas, símiles e alegorias, a manipulação das referências bíblicas, com o objetivo de emocionar e com isso mover os ouvintes à ação.

Essa tática parece combinar bem com a ironia, arte em que Vieira se revela verdadeiro mestre. Lembre-se que a ironia é a arte de dizer algo sem dizê-lo, através de se falar o contrário do que se pensa ou do que se quer fazer pensar, como diz Fontanier. Ou, segundo Lausberg, é a arte de fazer uso de vocabulário que o partido contrário emprega, com a firme convicção de que o público reconhecerá a incredibilidade desse vocabulário. Esta é a ironia da palavra, que se continua pela ironia de pensamento e consiste na

substituição do pensamento em causa por um outro, através de uma relação de contrários que, portanto, corresponde ao pensamento do adversário (Lausberg, 1972, p.163 e 251). Essa conceituação indica a intenção de luta pelo poder que caracteriza esse tipo de ironia, bem como o caráter lúdico de que essa luta se reveste.

E não restam dúvidas quanto à sua utilidade para o discurso vieiriano, quando se sabe que, por sua situação de destaque e por sua atuação pública, Vieira deveria mesmo tomar posição nas disputas e em todas as situações políticas de Portugal ou dos territórios a ele subordinados. Deveria, além disso, cuidar para que os seus sermões convencessem, para assim converter os fiéis e, principalmente, os infiéis e os pagãos, e ainda para que o seu exemplo frutificasse e a sua imagem – de verdadeiro *Ecce Homo* – perdurasse através dos tempos.

A carga ou a preocupação pragmática que envolvem a ironia calham bem aos interesses de Vieira, cuja pregação pretende certamente a conversão religiosa de pecadores em geral, sejam eles reis, nobres, plebeus, colonos, índios ou negros. Mas é inegável que Vieira tem outros objetivos, além da maior glória de Deus: é um defensor ardente e convicto da grandeza de Portugal, cujos feitos quer fazer reconhecer e cujo poder quer ver ampliar e fortalecer. E parece querer também, certamente, o seu quinhão de glória, incluindo-se no ideal político que prega.

Dada a sua posição de religioso – confessor e conselheiro do rei – e de estadista ligado ao poder, Vieira tinha acesso às questões políticas do reino português, o que incluía a luta do país pela restauração plena de sua autonomia e pela manutenção dos territórios colonizados, constante objeto da cobiça de potências européias, como França, Inglaterra e Holanda. Mas Vieira fazia parte também de outros grupos que lutavam pelo poder: sua crença católica opunha-se à dos “hereges” protestantes e calvinistas; sua ordem religiosa disputava com a dos dominicanos, por exemplo, o prestígio junto ao rei e aos fiéis; seus recursos oratórios se contrapunham aos de outros pregadores, e era preciso marcar a

superioridade de seu modelo; sua pregação catequética estava sempre colocada em questão pelos colonos que queriam liberdade para escravizar índios e negros, e perturbavam ou mesmo impediam o trabalho de evangelização.

Tendo em vista as necessidades de sua posição múltipla – deve agradar a César e a Deus –, a ironia lhe é de grande utilidade. Muitas vezes ele faz citações bíblicas, por exemplo, para argumentar em situações predominantemente políticas, como aquela em que relaciona descendentes de Noé para chegar a Tubal, supostamente fundador da cidade de Setúbal e, por extensão, de Portugal, que seria por isso destinado a centro do mundo. Em outro momento dirige suas apóstrofes a Deus, supostamente esquecido de seu povo, em perigo de ser dominado por protestantes e calvinistas hereges. Ou então diz falar a peixes, seguindo o exemplo de Santo António, quando os homens, de ouvidos e corações duros, não o querem ouvir. Mas ao fazê-lo, nomeia e descreve determinados tipos de peixes, aproveitando a descrição para censurar defeitos que pretendia atacar em seres humanos da sociedade a que se dirigia.

Os artifícios da ironia já eram sobejamente conhecidos no tempo de Vieira, que joga com maestria os seus recursos. Trabalha com perícia, por exemplo, a questão dos partidos em luta, através do binarismo, opondo homens a peixes e também devoradores a devorados, exploradores a explorados, ou índios e negros a colonos. Opõe o clero e a nobreza não produtivos e isentos de impostos aos que produzem com seu trabalho e deviam ainda arcar com as despesas da Corte. Opõe pregadores a pregadores (com mais paço e com mais passos...) e pregadores a pecadores. E acaba por englobar esses binarismos em grandes oposições, em que um poder maior sempre está em jogo. Bom exemplo parece ser o do Quinto Império de Portugal, identificado ao reino de Deus sobre a terra e representante, portanto, do poder divino que se opõe ao poder das trevas e o vence. E ainda o seu modelo de pregador e de sermão.

É interessante observar que, como os grandes ironistas, Vieira se preocupa com a estrutura comunicativa de seu discurso, o que

pode significar: com as estratégias irônicas de seu sermão, cujos argumentos são sempre retirados de fontes fidedignas. Essas fontes – a Bíblia, seus doutos comentadores, as vidas de Santos, documentos históricos ou considerados como tal, como os que se referem à batalha de Ourique – são sempre devidamente citadas e colocadas como comprováveis, ao alcance de todos. A preocupação com a figura do enunciador é constante, sendo o melhor exemplo o do *Sermão da Sexagésima*, com toda a sua discussão em torno do semeador da palavra de Deus.

O seu ouvinte também é sempre levado em conta: suas reações são valorizadas, prevenindo-se a colocação de possíveis questões, isto é, suposta e ironicamente lhe é dada voz, enquanto se procura massacrá-lo com argumentos incontestáveis. Para complementar o seu cuidado irônico com a mensagem, Vieira valoriza em seus *Sermões* a figura do bom leitor, em que sempre se inclui, apoiando-se também em competentes leitores que o precederam e cuja dignidade e competência nunca se esquece de referendar. Mas a sua habilidade de ironista se revela especialmente na capacidade de manipular referências, relacionar dados, ou acrescentar raciocínios e informações às citações feitas, de forma a aproveitar as suas leituras ou lembranças como suposto argumento para o que pretende demonstrar.

Para ser bom ironista e bom pregador da palavra plena, Vieira precisa ter credibilidade e contar com a boa fé de seus ouvintes. Apresenta-se por isso muito bem documentado, cuidando para não ultrapassar os limites de sua fala indireta, de modo a não comprometer a clareza do entendimento – e a aceitação – de suas palavras. A ambigüidade permanente não faz parte, por isso, de sua tática monológica, porque a dúvida que valoriza a linguagem em si ou o receptor – esperando deste uma contribuição para o entendimento da mensagem – não faz parte de sua técnica. Mesmo quando o ouvinte é Deus, o que Vieira apostrofa é um deus meio adormecido, esquecido de seus feitos e conquistas antigos, de seus arrependimentos para os castigos e violências cometidos contra o seu povo

e desatento para os perigos que ameaçam o seu próprio reino. Trata-se de um deus que não está em uso de suas faculdades divinas. De modo especial, como todos os outros ouvintes, está em posição de inferioridade relativamente ao sermônista, que sabe mais, tem melhores argumentos e está mais próximo da verdade. Por isso mesmo sabe o que é mais conveniente em cada circunstância e sabe até mais que Deus o que é melhor para o fortalecimento de seu reino. E por isso deve falar claro, mesmo quando faz ironia: seu discurso deve permitir que o leitor entenda sem dificuldades a mensagem que procura transmitir, o sentido que pretende dar às suas palavras.

Nessa questão de cuidado com o leitor encontramos interessante exemplo no *Sermão gratulatorio e panegyrico*, pregado em 1669 em ação de graças pelo nascimento da primogênita bisneta dos gloriosíssimos reis D. João e D. Luiza, em que o sermônista reforça, de maneira que pretende inequívoca, a sua idéia de pátria e o seu ideal político, prevenindo cuidadosamente o levantamento de questões por parte dos ouvintes / leitores, isto é, controlando e censurando a colocação de questões: “(...) só os Portuguezes, filhos, descendentes e sucessores de Tubal, são e foram (*sem controversia*) aquelles que por meio de suas prodigiosas navegações e conquistas (...) se estenderam e dilataram por todas as quatro partes do immenso globo da terra.” (Vieira, 1951, v. XV, p.10). Essa afirmação é apresentada como inconteste, não passível de controvérsia, pois tudo está definitivamente explicado. Em outro momento, diz que “Não posso deixar de confirmar esta bênção ou doação (*porque não me ponham pleito*) com uma escriptura publica, e tambem sagrada.” (p. 10). Interessantes os parênteses, que são muito usados no discurso irônico para trazer explicações e realmente evitar o levantamento de questões.

Lemos, ainda no mesmo Sermão: “Mas poderá replicar a curiosidade (*por não dizer a ingratição*) de algum ouvinte mau de contentar (...)”. Parece bem eficaz o comentário, que desestimula as questões desse ouvinte colocado como mau, ingrato e difícil de

satisfazer, com o qual certamente nenhum receptor quereria ser identificado.

Um outro exemplo: “(...) em Deus (*como ensinam todos os Theologos*) primeiro é o essencial, que o nocional.” (p.25). Quem se atreveria sequer a duvidar, mas principalmente a levantar questões, se se trata de verdade afirmada por tantos teólogos? Logo em seguida diz o pregador: “Não me detenho em distinguir estas prioridades e virtualidades, porque fallo entre doutos (...)” (p.25). A qualificação de douto lisonjeia o ouvinte que, ironicamente apaziguado, reprime questões que talvez desvelassem não ser real o seu doutoramento no assunto... A primeira manobra retórica (que mais uma vez usa o binarismo) é a que faz referência a dois coros de louvores em ação de graças, sendo um deles constituído por vozes de ancestrais que já morreram, mas cuja morte não deve ser nesse momento motivo de tristeza.

O sermonista explica em seguida que não só Portugal, mas todo o mundo – “porque Portugal é toda a terra” (p. 8) – deve louvar o gentil nascimento. Isso lhe seria fácil demonstrar com “(...) os compassos geometricos em um mapa, ou esfera do mundo” (p.8). Mas pode prová-lo com as Escrituras Sagradas e o faz, através de referências ao dilúvio e a Tubal, neto de Noé e primeiro português, através de quem cumpriram-se as profecias, pois foram os seus filhos, sucessores e descendentes que realizaram as “prodigiosas navegações e conquistas” e assim “estenderam e dilataram o reino português por todos os quatro cantos da terra.” (p.10)

Por isso mesmo Vieira pode prever a chegada do Quinto Império, um tempo em que Portugal dominará o mundo, pois nenhum dos quatro grandes impérios anteriores – egípcio, assírio-caldaico, persa e romano – recebeu essa bênção, essa herança, esse patrimônio, por legítima sucessão de pais e avós, registrada nas Sagradas Escrituras.

Vieira faz nesse sermão um complicado jogo com primogênitos e filhos últimos, herdeiro e herdeira, a fim de justificar a origem mítica dessa menina cuja missão será afinal a de franquear e deixar

livre o passo ao venturoso futuro irmão, quebrando-lhe o azar de primogênito. Seria ela a estrela que anunciaria o nascimento do verdadeiro herdeiro, a aurora que anuncia o sol, a flor que prediz a próxima chegada do fruto. Mas, de modo especial, seria aquela que enfrenta em seu lugar os perigos que o poderiam destruir.

Um outro sermão em que é visível a estrutura retórica e o fio da ironia é o da *Sexagésima*, que é todo construído com o paralelismo binário, iniciado com a oposição *engano com o pregador / desengano com a pregação*. Visto pelos estudiosos como uma crítica aos modelos vigentes de pregação, que visavam um puro comprazimento auditivo, o sermão se revela uma esmerada construção lúdica do mais puro barroquismo, um modelo de oratória racionalmente organizada para seduzir e converter, se não à palavra de Deus, pelo menos ao estilo vieiriano de pregar. O sermonista não perde de vista sua proposta dialética, discutindo constantemente as oposições que levanta: do pregador tradicional e do eu que fala, dos que pregam o alheio e dos que pregam o seu, do pregar arrazoando e do pregar bradando, dos que usam bem a palavra de Deus e dos que com ela levantam falso testemunho, dos que falam a verdade e dos que adulam as orelhas, dos que pregam com a fama e dos que pregam com a infâmia, dos que pregam palavras de Deus – no seu verdadeiro sentido – e dos que usam a palavra de Deus num sentido alheio e retorcido. Opõe ainda bons e maus ouvintes – os que saem descontentes de si e os que saem descontentes com o pregador – e também o estilo polido e estudado ao estilo escuro e duro.

Também o *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda* constrói-se sobre binarismos ou partidos em luta. Além disso, o sermonista nele manipula ironicamente citações, reduplicações e perspectivas sobre o maravilhoso e o sobrenatural, fazendo perguntas retóricas, mascaramentos e espelhamentos e valorizando os significantes sonoros. Fala das tradições de vitórias e conquistas do povo de Deus, que corre agora o risco de ser vencido por nações bárbaras, vencidas no passado com a ajuda de Deus e a cujos inimigos Ele agora faz com o seu povo volte as costas,

“não por fracos, mas por castigados” (não estamos fugindo...). O Senhor abandonou o seu povo, que se resume agora aos que vão morrer e aos que vão ficar sem pátria, perdendo fazendas e vidas e, o que é pior, perdendo a honra, pois o nome celebrado nos anais da fama agora é afrontado pelo herege insolente com suas vitórias.

Atrevidamente, Vieira dirige-se a Deus, afirmando que o reino de Portugal é Dele e não nosso. Dirige-se ao “peito divino”, com queixas e acusações, pois desta vez Deus deverá ser o arrependido, embora sejamos nós os pecadores, não se esquece o ironista de acrescentar, comentando ainda que a argumentação não é de “nós para vós”, mas de “vós para vós”.

Também dessa vez o sermonista coloca-se como bom leitor, lembrando passagens bíblicas de David, Moisés, Martha, Job e Josué, que dão sustento à sua sugestão de que Deus deve arrepender-se de sua atitude em relação ao seu povo, pois o Seu prestígio é que será prejudicado. Reticamente diz que não repete, como Moisés: “Olhae, Senhor, que dirão”, mas afirma que diz e deve dizer: “Olhae, Senhor, que já dizem.” E num arroubo bem teatral pergunta: “(...) por que não acabaes já de embainhar a espada de vossa ira?”

Em vez de pedir clemência e perdão, o pregador mostra os merecimentos desse povo que trabalha pela dilatação do reino de Deus e é por Ele abandonado, embora viva desterrado da pátria, da fazenda, da mulher e dos filhos, depois de ter fiado suas vidas às ondas e aos ventos, depois de transformar terras agrestes em cultivadas, depois de edificar as cidades. A teatralidade continua: disso “(...) se hão-de lograr os hereges, e inimigos da fé dos trabalhos portuguezes e dos suores catholicos?” (p.315). E não será estranho que o pastor de ovelhas as entregue aos lobos? Que o Salvador se tenha transformado em castigador? que Deus diga “faça o que mando mas não o que eu faço?” Por isso diz o sermonista: “Honrai o vosso nome!”.

Com todas essas manobras retóricas, Vieira camufla ou esconde seu objetivo de brilhar, de convencer, de mostrar-se capaz de converter. Ou então revela mais, de modo especial ao leitor

atento, que sabe não apenas tornar os homens descontentes com os seus pecados, com os seus costumes, os seus passatempos e as suas ambições, mas tem uma palavra plena com a qual sabe dar fórmulas para que se possa alcançar esse objetivo.

E Vieira chega ao final de sua empresa, que não seria afinal apenas de engano ou de desengano com pregador ou com pregação, pois teria também o objetivo de relacionar pregar e tecer. O seu exemplo é de que o sermão deve trabalhar simultaneamente enunciado e enunciação, para cativar o ouvinte/leitor através de um encantamento que o leva sem esforço ou resistência, em última análise, a um conteúdo semântico preciso e irresistível em que se inclui certamente grande admiração pelo *Ecce Homo* que ali se presentifica.

Referências Bibliográficas

- BOSI, Alfredo. Vieira ou a cruz da desigualdade. In: *Dialética da colonização*. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p.119-148.
- CASTRO, Aníbal Pinto de. O Padre António Vieira, síntese do Barroco luso-brasileiro. In: SANTOS, Gilda et al. *Cleonice clara em sua geração*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. p.72-80.
- FONTANIER, Pierre. *Les figures du discours*. Paris: Flammarion, 1977.
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.
- MENDES, Margarida Vieira. *A oratória barroca de Vieira*. Lisboa: Caminho, 1989.
- FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves. Palavra, mito e história no sermão dos sermões do Padre António Vieira. In: RIEDEL, Dirce Côrtes. *Narrativa – ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 170-190.
- VIEIRA, António. Sermão da Sexagésima. In: *Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1951, v. I, p. 1-36.

VIEIRA, António. Sermão de Santo Antonio. In: *Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1951, v. VII, p. 249-284.

VIEIRA, António. Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Hollanda. In: *Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1951, v. XIV, p. 331-360.

VIEIRA, António. Sermão gratulatorio e panegyrico. In: *Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1951, v. XV, p.5-34.

Resumo

O trabalho procura analisar alguns recursos irônicos usados por Vieira em seus Sermões, tais como a teatralidade, a citação, o binarismo, a estrutura comunicativa do discurso, o jogo e a reduplicação, a valorização de significantes sonoros, os mascaramentos e espelhamentos, com o objetivo de demonstrar que essas estratégias de envolver e convencer o ouvinte têm como suporte seduções de um discurso irônico / ideológico que, apoiando-se em sólido conhecimento, grande cultura, verdades conhecidas como incontestáveis e na defesa de causas vistas como indiscutivelmente justas, funcionam também para camuflar a ironia de monológicos jogos de poder.

Abstract

This work attempts to analyse some ironical devices used by Vieira in his Sermões, such as theatricality, citation, binary resources, the communicative structure of discourse, game and reduplication, the emphasis on sonorous signifiers, masking and mirroring, with the purpose of demonstrating that those strategies used to involve and convince the listener have, as support, the seductions of an ironical/ideological discourse which, leaning on solid knowledge, vast culture, truths taken as incontestable and in defence of causes seen as unquestionably just, also function as a way to disguise the irony of monological power games.